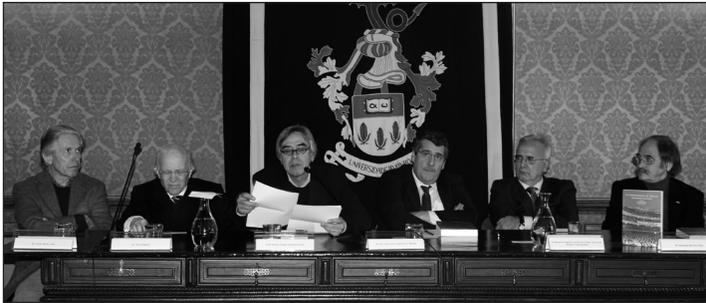


Apresentação do livro
Os Democratas de Braga.
*Testemunhos e Evocações**
Gaspar Martins Pereira**



Permitam-me que comece por agradecer ao Professor José Capela e aos Dr.s Henrique Barreto Nunes e Artur Sá da Costa o convite que me fizeram para apresentar o bellissimo livro que organizaram no âmbito da oportuna iniciativa com que o Conselho Cultural da Universidade do Minho, na 23.ª edição do Prémio de História Contemporânea, pretendeu, simultaneamente, comemorar os 40 anos do 25 de Abril e honrar a memória do Professor Victor de Sá, não apenas como investigador mas sobretudo como cidadão exemplar, que empenhou toda a sua vida no combate pela liberdade e pela democracia.

* Texto lido na sessão de apresentação do livro “Os Democratas de Braga” realizada no Salão Nobre da UM no dia 21 Jan. 2015.

** Professor catedrático do Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Investigador do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço & Memória». E-mail: gasparm@sapo.pt

Creio que este livro sobre *Os Democratas de Braga*, grupo em que o Professor Victor de Sá enquadrou boa parte da sua acção cívica e política, antes do 25 de Abril, é a melhor maneira de honrarmos a sua memória e as memórias dos que se bateram contra a ditadura, nestes tempos em que os valores da liberdade e da democracia voltam a ser questionados e, frequentemente, ameaçados. Neste sentido, vale a pena recordar a concepção de História defendida pelo Professor Victor de Sá: a História como um instrumento de cidadania, chave para interpretar a sociedade portuguesa e para pensar o futuro. Nas suas palavras:

A história é uma tomada de consciência do homem considerado colectivamente. [...] É que o passado não vale por si exclusivamente, mas sobretudo pelo que responde às inquietações do presente. Ao mesmo tempo, é da visão dos factos contemporâneos que subimos até à compreensão dos factos pretéritos. [...] É preciso ser cidadão na sociedade contemporânea, intervir nela, para compreender a sociedade remota. Este historiador-cidadão é o que estará apto a interrogar o passado e dele recolher respostas válidas às inquietações presentes e à abertura de caminhos para o futuro.¹

Tive a honra e o privilégio de acompanhar o Professor Victor de Sá em diversos momentos, já depois da instauração da democracia. Fui seu aluno, logo que ingressei na Faculdade, em 1975, e aí pude contar com o seu estímulo constante com que acompanhou os meus primeiros trabalhos de investigação, despertando o meu interesse pela história contemporânea. Recordo desse tempo uma longa tarde de Verão, na Falperra, onde eu e o saudoso Victor Correia pudemos fruir das suas memórias da resistência. Mais tarde, já em 1987, quando fui aceite como seu assistente na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, beneficieei, mais assiduamente, de longas conversas em que tantas vezes partilhou comigo a sua experiência e a sua memória dos anos da Oposição à ditadura, recordando muitos acontecimentos e pessoas, algumas que cheguei a conhecer, por seu intermédio, como o Professor Agostinho da Silva, que prefaciou o seu primeiro livro, *A Mocidade de Antero*, em 1942. E os nomes de muitos anti-fascistas de Braga, como os de Nuno Simões, Lino Lima, Humberto Soeiro, José Sampaio, Armando Bacelar e tantos outros, ouvi-os pela primeira vez pela voz do Professor Victor de Sá. Em diversos momentos,

trocámos opiniões sobre a situação política, sobre as diferenças das esquerdas e sobre o futuro do país. Uma ou outra vez, pude perceber dúvidas e angústias, porque a personalidade tão transparente do Professor Victor de Sá não disfarçava uma emotividade franca. Fui também testemunha e confidente de alguns dos seus planos, recordo-me bem, por exemplo, do entusiasmo com que me expôs a sua determinação de criar o Prémio de História Contemporânea.

Tenho pena de não ter conseguido registar na memória todos os pormenores dessas conversas com o Professor Victor de Sá e de nunca me ter lembrado de lhe pedir uma entrevista formal, em que pudesse gravar a sua evocação de tantos episódios em que participou na luta contra a ditadura. Desde o Movimento de Unidade Nacional Anti-Fascista às manifestações do pós-guerra e ao Movimento de Unidade Democrática, às candidaturas presidenciais de Norton de Matos, de Ruy Luís Gomes e de Humberto Delgado até às diversas campanhas eleitorais para deputados utilizadas pelas oposições para denunciar a ditadura. Ou os dissabores e violências que sofreu nesse duro e contínuo combate político: as prisões que, por oito vezes, o levaram aos calabouços da PIDE; o encerramento da sua livraria pela polícia política, em 1960, e a solidariedade que os comerciantes de Braga então lhe prestaram, fechando as suas lojas em sinal de protesto e obrigando a PIDE a reabrir-lhe a livraria; ou a proibição de leccionar no ensino público, até 1974.

Ao ler este livro *Os Democratas de Braga*, senti, em cada momento, a reminiscência e a continuação dessas conversas com o Professor Victor de Sá.

O livro abre com uma excelente síntese histórica, da autoria de Artur Sá da Costa, *Os “Democratas de Braga” e as Oposições à ditadura no distrito de Braga*, que destaca as diferentes fases da resistência ao regime liberticida: i) o período do reviralhismo e da Oposição republicana, entre a instauração da ditadura militar e os anos da Segunda Guerra Mundial, em que o regime autoritário beneficiou de uma conjuntura internacional favorável e da divisão das forças oposicionistas; ii) o período do pós-guerra e da primeira fase da Guerra Fria, com o alargamento da base social das Oposições, a emergência de um vasto sector de jovens intelectuais desafectos ao regime, uma «elite de ouro», boa parte dela militante ou próxima do Partido Comunista, o lançamento de grandes frentes de unidade democrática, desde o MUD aos movimentos de

apoio a candidaturas da Oposição, como a de Norton de Matos e de Humberto Delgado, mas também a divisão entre as tendências abstencionistas e intervencionistas, em que a posição dos democratas de Braga nas eleições legislativas de 1957 marcaria um volte-face intervencionista que viria a ganhar relevo nacional nas presidenciais do ano seguinte; iii) finalmente, os anos sessenta e o início da década de setenta, até à Revolução de Abril, com a agonia do regime e a entrada em força de novos actores na luta política, desde os católicos progressistas até à juventude estudantil, passando por largos sectores das camadas trabalhadoras, a recomposição ideológica das forças de Oposição, com o aparecimento de novas organização e a disputa do protagonismo na luta contra a ditadura.

De acordo com o plano dos organizadores do volume, seguem-se 29 textos de testemunhos-memórias de participantes no combate contra a ditadura, em diversas fases, lugares ou sectores. Os primeiros 17 textos, agrupados no capítulo Testemunhos, foram escritos, propositadamente, para este livro. Os autores e os títulos dão-nos bem a ideia da sua diversidade:

José Sampaio — *Vivências de um democrata*

José Manuel Barbosa — *Apontamentos da década de 60 na luta contra o regime de Salazar no distrito de Braga*

Manuel Martins Costa — *Alguns apontamentos para reflexão*

Salvador Coutinho — *Liberta está longe*

António Sousa Fernandes — *Memória do meu 25 de Abril*

Manuel Gouveia Ferreira — *Quotidianos invisíveis do MDP/CDE*

José Afonso Lestra Gonçalves — *O meu testemunho*

Mário Vale Lima — *Aquele “dia inicial inteiro e limpo”*

Joaquim Loureiro — *Era uma vez um gago no “TEUC” de Paulo Quintela e Testemunho de um advogado*

Victor Louro — *Os estudantes de Braga na resistência no início da década de 60*

Margarida Malvar — *Consciência democrática*

José Manuel Mendes — *40 anos depois*

Raul Peixoto — *Depoimento (im)possível*

Jorge Quinta — *A Oposição em Barcelos ao Antigo Regime*

Maria Teresa Ramos Roriz Pereira Sequeira Rodrigues — *25 de Abril de 1974*

Parcídio Summavielle — *Memórias*

Macedo Varela — *A luta da Oposição democrática contra o fascismo em Vila Nova de Famalicão: o meu testemunho*

Os 12 textos seguintes, incluídos no capítulo Memórias Recuperadas, são da autoria de diversos democratas de Braga já falecidos (à excepção do Dr. Eduardo Ribeiro) e foram seleccionados pelos organizadores do volume quer em obras publicadas quer em textos inéditos deixados por aqueles autores:

José Augusto — *Memórias da Oposição em Barcelos*

Armando Bacelar — *Memorandum*

António Pinheiro Braga — *Intervenção no Teatro Circo (Braga), durante a campanha para as eleições à Assembleia Nacional de 1961*

Guilherme Braga — *Entrevista ao Diário Popular do candidato a deputado, de oposição ao governo, pelo círculo de Braga [1957]*

Manuel F. Cunha — *Testemunho sobre as lutas contra o fascismo na zona têxtil de Riba d'Ave*

Francisco Tinoco de Faria — *Escritos*

Lino Lima — *Memórias de José Ricardo*

Eduardo Ribeiro — *Anti-salazarismo em Guimarães – memórias da luta integrada no grupo dos Democratas do distrito de Braga*

Victor de Sá — *A pirâmide da resistência e A resistência em Braga*

J. Santos Simões — *(consequências d)A morte de Salazar: uma previsão política*

Humberto Soeiro — *Um momento político*

O capítulo seguinte, Evocações, abarca três contributos de historiadores ou investigadores sobre alguns aspectos relacionados com a temática do volume:

Artur F. Coimbra — *Desafectos ao Estado Novo em Fafe. Episódios, rostos e locais da resistência*

José Marques Fernandes, João Carvalho, José Luís Machado e Tito Peixoto
— *Oposição Democrática ao Estado Novo em Vieira do Minho*

Fernanda Ribeiro — *De como a PIDE vigiava a Oposição em Terras de Bouro*

Finalmente, um último capítulo, integra um conjunto de *Documentos*, incluindo ainda os nomes de todos os candidatos da Oposição do distrito de Braga nas diversas eleições à Assembleia Nacional, entre 1945 e 1973, bem como uma Bibliografia sobre a *Oposição ao Estado Novo no distrito de Braga, organizada por Henrique Barreto Nunes*.

Creio que a simples elencagem dos temas abordados chega e sobra para evidenciar o valor desta obra, que vem enriquecer a historiografia sobre a Oposição ao Estado Novo. Não quero abusar da Vossa paciência, mas gostaria ainda de salientar três aspectos que, a meu ver, valorizam este livro no panorama da bibliografia existente.

Em primeiro lugar, o facto de se centrar no distrito de Braga, sem deixar de estabelecer uma devida contextualização nacional, é, em si mesmo, um aspecto muito positivo e essencial para o aprofundar do conhecimento histórico sobre a problemática da Oposição, já que a historiografia portuguesa, sobre este como sobre outros assuntos, tem ficado muitas vezes confinada ao que se passou em Lisboa ou no Porto, ignorando o que se passou no resto do País. Ora, só podemos compreender verdadeiramente o país se conhecermos a pluralidade das suas vivências, memórias e representações.

Em segundo lugar, parece-me ser de destacar também a importância atribuída à memória de actores que desempenharam um papel activo e à sua visão dos acontecimentos que viveram. Certamente, essa memória não se confunde com a história, que exige uma análise crítica das fontes, o confronto e a comparação de informações, bem como a contextualização. Mas a memória é imprescindível à história. É a preservação da memória, sob que forma for, que nos permite construir e reconstruir a história. Como sintetizou o historiador Jacques Le Goff, «a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro»².

Finalmente, não menos importante é a preocupação dos autores em respeitarem o carácter plural da memória, tendo em conta que a memória colectiva,

tal como as memórias individuais, assume diferentes formas de percepção e de interpretação. Essas diferentes perspectivas transparecem, ao longo do livro, justificando uma conceptualização mais complexa e plural tanto das Oposições como do Estado Novo. A pluralidade de ideias e de projectos de sociedade, alguns deles vindos já dos tempos da I República, outros forjados durante as várias conjunturas do combate à ditadura, projectou-se para o futuro, em reelaboração contínua, formando a pluralidade ideológica da nossa democracia, que assume, saudavelmente, a recusa do pensamento único e valoriza a aprendizagem das diferenças, base da tolerância e da solidariedade, essencial para encontrar as pontes de convergência possíveis entre os caminhos da liberdade e da igualdade. Como reflectiu Vasco Graça Moura, num dos seus belos poemas sobre o Porto dos anos sessenta, em que se cruzavam idênticas diferenças nos grupos de intelectuais e artistas das esquerdas:

*[...] que a noção de liberdade era mais complicada do que parecia
e que nem todos estávamos de acordo: ainda andamos de resto
a aprender a diferença [...]
leva muito tempo a desaprender esse tempo
(e será necessário?), é tudo uma questão de olhar [...]*³

Notas

¹ SÁ, Victor de — *A História em discussão*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1975, p.20.

² LE GOFF, Jacques — Memória. In ROMANO, Ruggiero, dir. — *Enciclopédia Einaudi. 1. Memória/História*. Lisboa: INCM, 1984, p. 47.

³ Poema «picasso visto do porto». In MOURA, Vasco Graça — *Nó cego, o regresso*. Porto: O Oiro do Dia, 1982.